

Guerra Junqueiro e Júlio Dantas Mestres (quem diria) de Vinicius de Moraes

Arnaldo Saraiva

Universidade do Porto

Resumo: Nascido em 1913, Vinicius de Moraes fez a sua formação cultural e literária no Rio de Janeiro, em tempo de afirmação e efervescência modernista, que levou alguns modernistas a preconizar a ruptura com os “mestres do passado” (Mário de Andrade), com as Academias e com os portugueses. Curiosamente, o poeta foi então marcado – e não disfarçaria, nem ocultaria essas marcas – pela leitura de obras de dois portugueses, um verdadeiro “mestre do passado”, Guerra Junqueiro, falecido em 1923, e outro o mais notório académico de várias décadas (nascera em 1876 e faleceu em 1962), que suscitou o retumbante “manifesto anti-Dantas” do modernista Almada Negreiros. Mas já se sabe que no mundo da criação literária e artística as mais proclamadas regras das escolas ou as mais excitantes modas nunca se impõem tanto que não permitam o aparecimento de obras e autores de qualidade que, por experiência própria, incluindo a de leituras, ou por gosto, no todo ou em parte as contrariem.

Palavras-chave: Vinicius de Moraes; Guerra Junqueiro; Júlio Dantas; modernismo brasileiro; modernismo português; influências

É bem conhecida a passagem do bem conhecido “Samba da Bênção” em que Vinicius de Moraes diz (e em registo sonoro fala, não canta): “A vida é a arte do encontro / Embora haja tanto desencontro pela vida”.

Pois Vinicius queria ser e era um “poeta do encontro” (1981: 49), como o definiu o seu amigo (desde 1942) Otto Lara Resende, que ele considerava “a pessoa mais inteligente”

(2007: 191) que conhecia, e que em dia feliz de 1956 o apresentou a António Carlos Jobim. Foi também Otto que prefaciou com argúcia o *Livro dos Sonetos*; mas antes desse prefácio já escrevera o texto de apresentação do primeiro LP de Vinicius (“ao vivo”), em que amplamente justificava a sua definição do “poetinha”, nomeando os vários encontros de que davam conta as suas canções: encontro consigo mesmo, com o outro, com sua cidade, com o próximo, com os amigos, com a mulher amada, com a mulher do povo, com o operário em construção; e “encontro da sensibilidade pessoal com o sentimento popular, da inspiração e da técnica pessoais com o ritmo e a inspiração gerais”, da mulher com o homem, das palavras com a música, de uma voz com todas as vozes.

Vários desses encontros poderiam justificar longos estudos. Mas aqui teremos de nos limitar a falar de dois dos seus “encontros, em Poesia”, como o próprio poeta os nomeou no início da primeira crónica, por sinal intitulada “Encontros”, que em 1940 publicou no carioca *Correio da Manhã*: “Meu primeiro encontro, em Poesia, depois de inelutáveis influências da juventude, foi o de Murilo Mendes” (Moraes 1981: 495).

Entre as “inelutáveis influências” estava a de seu pai. No poema “Auto-retrato” que destinou aos “Arquivos implacáveis” de João Condé, e que a TV Tupi divulgou em 1956, confessava Vinicius:

*Foi com meu pai, Clodoaldo
De Moraes, poeta inédito
Que aprendi a fazer versos
(Um dia furtei-lhe um
Para dar à namorada) (idem: 14)*

Um verso – ou um poema; porque numa entrevista a *O Estado de S. Paulo*, de 18 de Fevereiro de 1979, não é de um verso que fala, mas de um poema desencantado entre os papéis do pai, e que, confessou, deu a uma namorada como se fosse da sua autoria: “Eu devia ter uns 13 ou 14 anos. Era uma égloga” (Resende 2007: 198-199).

Na “Elegia na Morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e cidadão”, do livro *Nossa Senhora de los Angeles*, dirige-se em discurso directo ao pai, alude ao mesmo “furto”

como se fosse uma “dádiva” (“Poeta foste, e és, meu pai. A mim me deste / O primeiro verso à namorada. Furtei-o”), mas refere outras dádivas do pai (“Deste-nos pobreza e amor. / A mim me deste / A suprema pobreza: o dom da poesia, e a capacidade de amar / Em silêncio”) (Moraes 1981: 279; 280).

Neto de um historiador (Alexandre José de Mello Moraes), sobrinho de um poeta, cronista e folclorista (Mello Moraes Filho), o pequeno funcionário público, latinista e violinista Clodoaldo era, como o definiu o filho, um poeta “parnasiano com um pé no simbolismo” e, na opinião da filha Laetitia, “dono de uma boa cultura literária, excelente conhecedor da língua, tendo acumulado em sua memória uma infinidade de histórias e dados sobre tudo quanto havia” (*idem*: 27)... e numerosos poemas; poemas de brasileiros como o seu amigo Olavo Bilac e os seus quase coetâneos Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia, mas também de portugueses, que “lia muito”, e não só em antologias.

Na já referida entrevista a *O Estado de S. Paulo* Vinicius confessou que o seu lirismo “estaria mais ligado a um fundo português”, acrescentando: “e tenho a impressão de que essa ligação é importante: Camões, a lírica dos trovadores, as baladas, para mim isso sempre foi muito importante” (Resende 2007: 204). Esta confissão, ou a verdade que contém, parece mais relevante quando se nota que Vinicius fez a sua estreia poética em 1933 com *O Caminho para a Distância*. Uma década depois da explosão modernista brasileira, que nalguns manifestos e nalgumas práticas se queria aportuguesa ou antiportuguesa, Vinicius afirmava naturalmente a importância da tradição lírica, antecipando-se ao que implícita e explicitamente defenderia uma dúzia de anos depois a chamada “geração de 45”. E não deixa de ser curioso que, nascido (em 1913) e formado em tempos modernistas, Vinicius tivesse sido marcado por dois escritores portugueses que os modernistas ironizaram ou hostilizaram: Guerra Junqueiro e Júlio Dantas, declaradas admirações de seu pai (*idem*: 16).

Mas a verdade é que Junqueiro se tornara muito conhecido e admirado no Brasil pelo menos depois da publicação, em 1877, de *A Fome no Ceará* – por sinal reeditado no Rio de Janeiro em 1924. *A Velhice do Padre Eterno e Finis Patriae* tiveram quase tanto sucesso no Brasil como em Portugal; e a *Marcha do Ódio* (1890), que a meu ver inspirou um poema

de Mário de Andrade (cujo *Clã de Jabuti*, segundo Tasso da Silveira, deveu muito a Junqueiro), foi não por acaso dedicado “À Colônia Portuguesa do Brasil”. No Rio Grande do Sul o pai do que seria importante poeta simbolista Alceu Wamosy, nascido em 1895, quis dar-lhe o nome de Junqueiro, o que este desaconselhou; no Ceará o grupo da Padaria Espiritual queria corresponder-se com ele; e outros lugares brasileiros justificavam as palavras que João de Barros escreveu no texto “Guerra Junqueiro e o Brasil” do livro *Sentido do Atlântico* (1921): “se há entre nós quem pretenda esquecer o prodigioso esplendor do génio épico e lírico de Junqueiro, no Brasil, tanto quanto eu sei e julgo, a admiração, a devoção é unânime” (Barros 1921: 92-93). Tendo em conta a amizade estreita entre o pai de Vinicius e Olavo Bilac também não podemos esquecer que na homenagem que em 1916 foi prestada em Lisboa ao autor de *Sagres* coube a Guerra Junqueiro a saudação do “príncipe dos poetas brasileiros” (Monteiro 1936: 60-61).

Assim, não é para estranhar que, por exemplo, no livro de estreia *O Caminho para a Distância* encontremos o poema “Minha mãe”, cujo primeiro o verso é “Minha mãe, minha mãe, eu tenho medo” (Moraes 1981: 84), que não pode deixar de evocar o verso do poema inicial (“Aos simples”) de *A Velhice do Padre Eterno*: “Minha mãe, minha mãe!, ai que saudade imensa”; e parece óbvia a relação dos versos do mesmo poema “Canta a doce cantiga que cantavas / Quando eu corria doido ao teu regaço” com os versos junqueirianos do poema “Regresso ao lar” de *Os Simples*, livro em que Vinicius viu “o melhor” do lirismo do autor (*idem*: 495): “Canta-me cantigas para me embalar!”, “Como antigamente, no regaço amado, / (Venho morto, morto!...) deixa-me deitar!”. Outro exemplo: a terceira parte do poema “Sombra e luz” de *Poemas, Sonetos e Baladas* (1946) começa com o verso “Pela estrada plana, toc-toc-toc” (*idem*: 215) que é igual ao do começo do poema “A moleirinha”, igualmente de *Os Simples*.

Mas também não admira a relação de Vinicius com a obra de Júlio Dantas, que desde o início do séc. XX se tornara um dos escritores portugueses mais populares no Brasil, onde aliás o seu prestígio não sofreu os abalos que em Portugal provocaram não só o *Manifesto Anti-Dantas* de Almada mas também os numerosos ataques que Luís de Oliveira Guimarães inventariou (1963: 294-295). Em missões académicas ou oficiais (até por causa de

malfadados acordos ortográficos) Júlio Dantas esteve várias vezes no Brasil, onde na década de 40 chegaria a desempenhar as funções embaixador, colaborou em várias publicações brasileiras e, talvez para se vingar dos modernistas portugueses, como sugeriu João Alves das Neves (1963: 27), apressou-se a saudar num artigo de *O Primeiro de Janeiro* o livro pré-modernista *Juca Mulato* (1917) do futuro modernista Menotti del Picchia; esse artigo, lembrou Mário da Silva Brito, “contribuiu poderosamente para a consagração do poema” (1964: 84), de que passou a servir de prefácio nas numerosas edições que viria a ter. E Júlio Dantas voltaria anos depois a elogiar outro livro, *Martim Cererê* (1928), de outro modernista brasileiro, Cassiano Ricardo.

Vinicius terá começado a ler Júlio Dantas logo no Colégio Santo Inácio (Castello 1999: 55), que frequentou a partir dos 11 anos. E por várias vezes falou da importância que o polígrafo português teve na sua formação. Na já citada crónica “Encontros” confessou que, “discípulo ardente de Júlio Dantas”, escrevera “aos quatorze anos um poema chamado «Os Três Amores»” (*idem*: 495). Este “poema” era afinal uma “peça em verso”, como esclareceu em depoimento de 1967 para o Museu de Imagem e do Som: “Eu escrevi uma peça em verso, *Os Três Amores*, imitando Júlio Dantas” (Resende 2007: 26). Está-se mesmo a adivinhar que se tratava de uma imitação de *A Ceia dos Cardeais*, publicada em 1902 e nessa década e nas seguintes muito lida, representada e parodiada não só em Portugal mas também no Brasil.

Mas noutra crónica, “O aprendiz de poesia”, de *Para uma Menina com uma Flor*, depois de referir os seus plágios ou as suas dívidas juvenis a poetas como Castro Alves, Bilac, Guilherme de Almeida, Menotti (“deu-me seu *lorgnon*, seus crachás, seu jucumulatismo”), teve este desabafo: “Descia de Antero a Júlio Dantas, perpetrando ceias, desvendando seios, ai de mim!” (*idem*: 607).

Será sem dúvida interessante o estudo do que na poesia de Vinicius denuncie leituras de autores portugueses, e em especial do autor de *Nada* (1896) e de *Sonetos* (1916), cuja obra é, como a do brasileiro, marcada pela obsessão da relação amorosa e do “eterno feminino”. Disso e da “presença” de Vinicius em Portugal nos ocuparemos noutra oportunidade.

(Fragmento da conferência de abertura do Colóquio “Meu Tempo é Quando: Nos 100 anos de Vinicius de Moraes” realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto nos passados dias 18 e 19 de Outubro de 2013).

Bibliografia

- Barros, João de (1921), *Sentido do Atlântico*, Paris-Lisboa, Livrarias Aillaud e Bertrand.
- Brito, Mário da Silva (1964), *História do Modernismo Brasileiro: I*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Castello, José (1999), *Vinicius de Moraes O Poeta da Paixão – Uma Biografia*, 2ª ed., S. Paulo, Companhia das Letras.
- Guimarães, Luís de Oliveira (1963), *Júlio Dantas, uma Vida, uma Obra, uma Época*, Lisboa, Romano Torres.
- Monteiro, Mário (1936), *Bilac e Portugal*, Lisboa, Agência Editorial Brasileira.
- Moraes, Vinícius (1981), *Poesia Completa e Prosa*, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar.
- Neves, João Alves das (1963), *Temas Luso-Brasileiros*, S. Paulo, Conselho Estadual de Cultura.
- Resende, Otto Lara (2007), *Vinicius de Moraes – Encontros*, Rio de Janeiro, Azougue Editorial.

Arnaldo Saraiva é professor emérito da Universidade do Porto, de cuja Faculdade de Letras foi professor, tendo também ensinado na Universidade da Califórnia em Santa Barbara (1978-1979), na Universidade de Paris – Sorbonne Nouvelle (1993-1994) e na Universidade Católica Portuguesa-Porto (2003-2009).

Foi membro da direcção da Cooperativa Árvore, presidente do Conselho Geral do Boavista Futebol Clube, fundador do Centro de Estudos Pessoaanos, presidente da Fundação Eugénio de Andrade, cronista colaborador da Radiotelevisão Portuguesa e da Radiodifusão Portuguesa e ator em filmes de Luís Galvão Teles, António Reis, Saguenail e Joaquim Pinto. Autor de extensa bibliografia, entre os seus livros (ensaio, poesia, crónica e tradução) incluem-se: *Literatura Marginalizada* (2 vols., 1975 e 1980); *Bilinguismo e Literatura* (1975); *Fernando Pessoa e Jorge de Sena* (1981); *In* (poemas, 1983); *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português* (1986; 3ªed., 2015); *O Livro dos Títulos* (1992); *Fernando Pessoa Poeta-Tradutor de Poetas* (1996); *Introdução à Poesia de Eugénio de Andrade* (1995); *O Sotaque do Porto* (1996); *Conversas com Escritores Brasileiros* (2000); *Folhetos de Cordel e Outros da minha Coleção* (2006); *Poesia* de Guilherme IX de Aquitânia (2008); *Augusto dos Santos Abranches, Escritor e Agitador Cultural em Portugal, em Moçambique e no Brasil* (2013); *O Génio de Andrade* (2014); *Dar a Ver e a se Ver no Extremo – O Poeta e a Poesia de João Cabral de Melo Neto* (2014); *Os Órfãos do Orpheu* (2015).